

O LETRAMENTO DIGITAL NA PRÁTICA DOCENTE DO PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO FUNDAMENTAL¹

Hosana Pereira dos Santos (UFPI)²
Naziozênio Antonio Lacerda (UFPI)³

Resumo: O objetivo desta pesquisa é analisar o letramento digital no âmbito da prática docente de professores de língua portuguesa no ensino fundamental. Segue-se a linha da Linguística Aplicada, com fundamentação teórica em Araújo (2008), Coscarelli (2007), Freitas (2010), Ribeiro (2009), Ribeiro (2013), Saito e Sousa (2011) e Soares (2002). Adotou-se a abordagem qualitativa de pesquisa, utilizando-se a técnica de entrevista com 03 (três) professores de língua portuguesa e o método da observação em visita a 03(três) escolas públicas da rede municipal de ensino em Teresina-PI, no primeiro semestre de 2016. Como instrumento de pesquisa, usou-se um roteiro de entrevista padronizada para geração de dados. Os resultados da pesquisa mostram que a falta de tempo do professor, de estrutura nas escolas e de planejamento das atividades didáticas pode dificultar o letramento digital dos docentes. Conclui-se que há letramento digital em grau moderado na prática docente dos professores de língua portuguesa no ensino fundamental que participaram da pesquisa.

Palavras-chave: Letramento digital. Professor de língua portuguesa. Ensino fundamental.

¹ Trabalho apresentado sob a forma de comunicação oral no I Congresso Nacional de Variação/Diversidade Linguística e Letramentos (I CONVALLE), realizado no CCHL-UFPI, em Teresina-PI, no período de 25 a 27 de outubro de 2016.

² Especialista em Educação Infantil pela UNINASSAU (Centro Universitário Maurício de Nassau) e Graduada em Letras-Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa pela UFPI (Universidade Federal do Piauí). E-mail: hphosanapaz259@gmail.com

³ Doutor em Estudos Linguísticos – área de concentração: Linguística Aplicada pela UFMG (Universidade Federal de Minas Geras) e Professor Associado da UFPI (Universidade Federal do Piauí) na área de Linguística e de Linguística Aplicada. E-mail: zenolacerda@gmail.com

Abstract: This research aims to analyze the digital literacy in the teaching practice of Portuguese teachers in Middle School. Following the Applied Linguistics principles, the theoretical background is grounded in Araújo (2008), Coscarelli (2007), Freitas (2010), Ribeiro (2009), Ribeiro (2013), Saito e Sousa (2011) e Soares (2002). It was adopted the qualitative approach to the research, using the technique of interview with 03 (three) Portuguese teachers and the method of observation visiting 03 (three) public school of the municipal education network in Teresina-PI, in the first semester of 2016. It was used a standard interview script to generate data. The results of the research show that the teacher's lack of time, structure in schools and planning of didactic activities can hinder teachers' digital literacy. It is concluded that there is digital literacy in a moderate degree in the teaching practice of Portuguese teachers in the Middle School that participated in the research.

Keywords: Digital literacy. Portuguese teacher. Middle School.

INTRODUÇÃO

O advento da introdução das novas tecnologias da informação e comunicação (TIC) na escola acabou gerando questionamentos inquietantes nos envolvidos neste processo do letramento digital em sala de aula.

Neste sentido, é importante refletirmos sobre a interação existente e estabelecida pela escola entre o indivíduo e o conhecimento, e o papel da escola frente às mudanças ocorridas por causa da inserção dessas novas TIC no seu contexto.

Essa inquietude sobre o processo de letramento digital na escola pós-moderna levou-nos a investigar o seguinte problema real: o letramento digital na prática docente do professor de língua portuguesa no âmbito da sala de aula no ensino fundamental maior.

A pesquisa sobre letramento digital é relevante nos meios acadêmicos e na prática dos docentes que atuam diretamente na sala de aula, contribuindo para o ensino-aprendizagem dos alunos da educação básica.

O objetivo geral de nossa pesquisa é analisar o letramento digital na prática docente do professor de língua portuguesa em sala de aula do ensino fundamental. Os objetivos específicos são identificar o conceito de letramento digital dos professores entrevistados no ensino fundamental, observar as metodologias

utilizadas pelos docentes para trabalhar o letramento digital em sala de aula e analisar o processo de letramento digital dos professores de língua portuguesa em suas práticas docentes.

Para atingir os objetivos, partimos do conceito de letramento digital, discutimos os desafios enfrentados pelos docentes no processo de integração do letramento digital em sala de aula, explicitamos a metodologia utilizada em nossa pesquisa e analisamos e discutimos os dados gerados por meio de entrevista com 03 (três) professores colaboradores e da visita a 03 (três) escolas públicas previamente selecionadas.

1 DISCUTINDO O CONCEITO DE LETRAMENTO DIGITAL

Nesta seção, discutimos o conceito de letramento digital, abordando desde a origem do termo, e discorreremos sobre a necessidade do docente possuir letramento digital para atuar na educação básica.

1.1 Conceituando letramento digital

Antes do conceito do termo letramento digital, será conceituado o termo letramento. A razão é que o letramento digital é um processo dentro do processo do letramento. Portanto, para se conceituar letramento digital antes temos que pensar no conceito de letramento. Então, de modo amplo, letramento é a prática da leitura e escrita nos mais variados suportes.

Etimologicamente falando, o termo letramento teve sua origem oriunda do termo em inglês *literacy*. Este termo abarcava dois processos, as práticas sociais de leitura e escrita, e a parte cognitiva e mecânica do mesmo processo. Estes últimos termos, cognitivo e mecânico, estão relacionados ao processo de alfabetização.

O termo “letramento” vem do inglês *literacy* (que por sua vez, deriva-se filologicamente do latim *littera*, que quer dizer “letra”). Em português, trata-se de uma palavra nova, tomada de empréstimo ou criada a partir do termo da língua inglesa. *Literacy*, em inglês, designa ao mesmo tempo alfabetização, ou seja, um conjunto de habilidades cognitivas e mecânicas de apreensão do código da escrita (aquisição de *litterae*), bem como as práticas sociais de leitura

e escrita desenvolvidas após ou paralelamente à alfabetização. (SAITO; SOUZA, 2011, p. 110).

Somente nos anos 80 é que o termo *literacy* ganha nova conotação no inglês, e é neste mesmo período, contemporâneo à nova conotação do termo em inglês, que se começa a empregar o termo letramento no Brasil.

Letramento passa a denominar um processo mais complexo que sai da simples alfabetização para chegar a denominar um processo mais amplo, como as práticas sociais de leitura e escrita, que demandam mais destreza e habilidade dos participantes deste processo do letramento.

Letramento é muito mais que ler e escrever, ou seja, codificar e decodificar uma mensagem. É também a habilidade de interpretação do texto, pelos interlocutores; sem esquecer que o contexto sócio-histórico no qual vivem estes indivíduos letrados poderá influenciar nas formas de letramento que estes receberão.

A cultura do papel é contemporânea à cultura do digital. Ambas se compõem como duas formas diversificadas de lidar com o texto, pois na primeira cultura, a do papel, o texto é linear. Há um pequeno distanciamento entre quem escreve e quem lê o texto. Já na cultura do digital não há distanciamento e o texto não se apresenta de forma linear.

O letramento digital é uma subdivisão do letramento, que se realiza nos “novos” suportes de mídia tecnológica, como computadores, celulares, etc. Na visão de Soares (2002), o letramento digital é um termo empregado na contemporaneidade, conotando a interação, a atitude, a definição que se dá às novas tecnologias de letramento.

Embora mantendo esse foco nas práticas sociais de leitura e de escrita, este texto fundamenta-se numa concepção de letramento como sendo não as próprias práticas de leitura e escrita, e/ou os eventos relacionados com o uso e função dessas práticas, ou ainda o impacto ou as consequências da escrita sobre a sociedade, mas, para além de tudo isso, o estado ou condição de quem exerce as práticas sociais de leitura e de escrita, de quem participa de eventos em que a escrita é parte integrante da interação entre pessoas e do processo de interpretação dessa interação – os eventos de letramento. (SOARES, 2002, p. 145)

O termo letramento digital teria surgido a partir das efervescentes mudanças na sociedade do final do século XX, mudanças de ordem cultural, tecnológica, política, social e econômica. Esta mudança abalou os alicerces da sociedade, quebrando antigos paradigmas. Com a inserção destes novos artefatos tecnológicos, mudasse a forma de práticas de leitura e escrita.

Ainda de acordo com Soares (2002, p. 144), “letramento são as práticas sociais de leitura e escrita e os eventos em que essas práticas são postas em ação, bem como as consequências delas sobre a sociedade”.

Quando for empregado, aqui, o termo tecnologia, entendemos como significando todo instrumento usado que por meio do qual se realize a parte mecânica do letramento, por exemplo, o lápis, o papel, a máquina de escrever, o teclado do computador, etc.. São tecnologias atuais ou obsoletas que foram ou são utilizadas como suportes para o chamado letramento e ou alfabetização.

Já o termo digital, de letramento digital, vem do latim *digitus* e significa dedo, contagem ou dígito: “A palavra digital vem do latim que, de acordo com Ramos (2009), significa ‘semelhante ou referente a dedo’. Isso, porque as mãos sempre foram utilizadas para contar, atribuindo à palavra dígitos o significado de algarismo”. (RIBEIRO, 2013, p. 51).

Letramento digital, como foi dito anteriormente pelos teóricos, é o resultado da dinamicidade da língua, ou seja, a dinâmica da adaptação da leitura e escrita aos novos suportes que surgem. A partir do processo de interação do homem com o mundo, com a sociedade, e ou na interação com as novas formas de comunica-se com o outro. O que resulta na dinâmica da língua e também com a forma como se apresenta a leitura e a escrita (habilidades exigidas) em cada suporte desses.

Podemos dizer que o conceito de letramento digital se aproxima do conceito de alfabetização, quando o primeiro conceito referencia à interação com o código, dentro do processo de codificação e decodificação. Contudo, o letramento digital se diferencia do processo de alfabetização por ir além da simples codificação e decodificação do código. Pois, se lança ao contexto sócio-histórico, as vivências sociais, ou seja, para além do muro da escola, local onde os indivíduos, primeiro, aprendem a ser alfabetizados, e só depois, na interação entre o contexto social com o contexto escolar, é que aprendem a ser letrados.

O letramento digital, portanto, assim como afirmou Soares (2002) cria um estado, condição ou interação diferenciada nos indivíduos, pois as novas mídias possibilitam maior abertura em relação ao texto. Mudando assim, o *modus operandi* do sujeito no que concerne ao texto.

O letramento digital participa do rol da chamada educação não linear. Educação não linear é a que possibilita que o aluno tenha acesso ao conhecimento de uma forma dinâmica, diversificada, através de um número bem maior de “caminhos” metodológicos que o professor através de estratégias traça para melhor levar o conhecimento a seus alunos. A educação não linear é uma questão de atitude mais do que de metodologia, propriamente dito. Na verdade, de postura do professor, frente ao conhecimento.

E esta mudança de postura, de atitude, é o que trará dinâmica ao aprendizado do aluno. O professor modifica a metodologia ineficaz. Ou seja, o que vai definir a qualidade do conhecimento que o aluno apreende não é a ferramenta que o professor utiliza: se o computador, se o livro didático, se a lousa, etc., lembrando que estas ferramentas possibilitam e auxiliam no conhecimento dos conteúdos, mas sim, sendo até mais importante, a postura, a atitude do professor, frente a todos estes suportes. É esse posicionamento, atitude, que surte maior resultado no aprendizado dos alunos.

1.2 Letramento digital: nível analógico e nível digital

O objetivo do letramento digital em sala de aula nas práticas de ensino-aprendizagem é aproximar o contexto sociocultural ao institucional, ou seja, o uso das novas TIC, que já se difundiram na sociedade de maneira muito rápida, integrada à sala de aula, lugar onde se estuda a cultura, a sociedade, etc. A finalidade de se integrar as TIC à sala de aula é construir o conhecimento, o saber.

Como consequência do “nascimento” dessa nova cultura no contexto social foi que se criou uma cultura das novas tecnologias da informação e comunicação. E o papel do professor como agente promovedor do conhecimento será integrar esta nova cultura ao contexto institucional, à escola mais propriamente dita. à sala de aula, onde o professor atua mais diretamente.

Quando falamos do contexto sociocultural próximo ou em relação com a sala de aula, levamos em conta que o professor deva aproveitar o nível analógico de letramento digital que o aluno traz para o contexto da sala de aula, oriundo e construído através de vivências em outros contextos onde se realizam “os eventos de letramento digital” (SOARES, 2002).

Essa predisposição dos alunos em sala para o processo do letramento digital é resultado desse nível analógico desenvolvido por causa do contato, em sociedade, desses indivíduos com eventos de letramento digital em outros contextos, como família, igreja, etc.

Para entender melhor como se desenvolve esse nível analógico, sendo que este pode vir a influenciar no processo de letramento digital dos alunos em sala de aula, vamos conceituar o nível analógico para depois contrapor ao conceito de nível digital.

[...] Os códigos analógicos têm a ver com signos físicos e mais complexos: desenhos, artes, gestos. Signos físicos precisam de suportes materiais para ser transportados. Coisas materiais só podem ser transportadas por meio de canais mecânicos: você leva uma carta ao posto do correio; o correio envia a carta por automóvel ou por avião até o posto de correio do outro município e uma pessoa terá de levar até o seu parente. (BESSA, 2006, p. 47).

Em se tratando do nível digital, há diferença em relação ao nível analógico, conforme observa o mesmo autor:

Já o código digital não. Digital vem de dígito, números de 0 a 9, mais letras. Com eles foi possível se chegar ao código binário, que é o mais simples a que se reduziu a linguagem. Por exemplo, você pode combinar com alguém que, se piscar o olho direito, está tudo certo, mas se piscar o olho esquerdo, está errado. A piscada é um signo codificado para comunicação entre você e outra pessoa (BESSA, 2006, p. 47).

O nível analógico tem haver com signo físico, é o não verbal, o gestual, etc. O digital é o domínio do conteúdo da palavra, codificador. O nível digital seria a maneira sistêmica do processo de letramento digital, o nível do conteúdo, das palavras, do processo, enquanto que o analógico abre vazão aos sentimentos dos indivíduos, seus pensamentos, etc. “[...] Nesse sentido, então, os signos analógicos representam com maior vivacidade e presença nossos pensamentos, sentimentos e

conhecimentos do que os códigos digitais que são muito mais ágeis, eficazes e eficientes na produção e circulação de informações” (BESSA, 2006, p. 47).

Portanto, sucintamente, o nível analógico representa os pensamentos, o físico, o conhecimento. Enquanto que o nível digital, o processo, o sistematizado, o conteúdo, o domínio da palavra, do verbal. Entendemos que os dois níveis integrados no processo de letramento digital propiciarão um melhor letramento digital dos indivíduos.

Esse nível analógico, desenvolvido pelo aluno, apresenta-se como um bom desafio ao professor em sala de aula. Quando o aluno predispõe um nível analógico, o professor terá a possibilidade de desenvolver neste seu aluno um nível digital, que é mais elevado, e que pode vir a contribuir com o processo do letramento digital, voltado para o uso da língua em contexto cibernético.

Assim, é importante o professor trabalhar o letramento digital em suas práticas pedagógicas, o que contribui e muito para o crescimento intelectual e o desenvolvimento das competências dos alunos. Mas os docentes acabam enfrentando desafios para tornar o letramento digital um processo produtivo em sala de aula.

1.3 Grau de letramento digital

De acordo com a perspectiva sócio-histórica, não há pessoas iletradas, mesmo sendo analfabetos os indivíduos terão algum grau de letramento/letramento digital, este último, letramento digital, é o que mais interessa aqui, porém é óbvio que ser alfabetizado possibilita maior habilidade no processo de letramento digital, ou mesmo ser alfabetizado seria o primeiro passo para o processo de letramento digital.

Para alguns pesquisadores, até mesmo uma pessoa analfabeta (isto é, que não domina as técnicas de ler e escrever) pode ser letrada se conviver em meios e em uma sociedade em que a escrita faça parte do cotidiano. Enquanto o alfabetizado é o indivíduo que domina uma tecnologia, o letrado pode até não dominá-la individualmente, mas sabe que o domínio da língua escrita (ou da língua oral de alguém letrado) implica certos usos e muitas possibilidades. O letrado

analfabeto pode saber quais são essas possibilidades e pode até agir por meio delas, embora indiretamente. (RIBEIRO, 2009.p.17).

Quando se fala de sócio-histórico, fala-se da sociedade e nela encontram-se indivíduos que dependendo do contexto sócio-histórico que vivem, vão variando a forma e ou nível de letramento que possuem. Tfouni (2010) afirma que não existe, nas sociedades industrializadas modernas, o letramento ‘grau zero’, que equivaleria ao ‘iletramento’. Do ponto de vista do processo sócio-histórico, o que existe de fato nas sociedades industriais modernas são ‘graus de letramento’.

O grau de letramento digital dos professores é de fundamental importância, como já foi visto, aqui, pois sem nenhum grau de instrução no processo do letramento digital, o professor seria incapaz de realizar o letramento digital dos alunos em sala.

2 DESAFIOS ENFRENTADOS PELO DOCENTE NO LETRAMENTO DIGITAL

Sabemos que as novas tecnologias trazem para a escola pós-moderna a possibilidade de inovação do ensino, o que se torna um desafio para os docentes da educação básica. Por isso, nesta seção, discutimos sobre os desafios enfrentados pelos docentes no processo de integração do letramento digital em sala de aula.

2.1 Os desafios para integrar o letramento digital na prática em sala de aula

A internet, dentre outras tecnologias afins, são tecnologias do século XXI, a pós-modernidade. Todos esses aparatos tecnológicos vêm modificar a produção cultural da sociedade. Uma nova cultura que acaba também invadindo a escola, espaço onde está a cultura, acaba se disseminando.

As novas tecnologias trazem para a escola pós-moderna a possibilidade de inovação do ensino. Se pelo docente bem integrada ao processo de ensino-aprendizagem essas tecnologias podem vir a desenvolver o potencial crítico dos alunos em contribuição ao processo do letramento digital em sala, o papel do docente seria aumentar o potencial crítico integrado a bons e prazerosos momentos de reflexão em sala sobre o processo de letramento digital.

O professor contextualizando essas tecnologias em sala pode possibilitar um olhar mais aguçado e crítico para essas novas ferramentas de ensino. Otimizar o olhar para as novas TIC também se afirma como um objetivo para os docentes quando em relação ao processo de letramento digital em sala de aula.

O processo de letramento digital traz nova forma de interação entre os planos na comunicação: do emissor, do receptor e da mensagem. O hipertexto é um bom exemplo, o receptor ganha muito mais liberdade de interagir com o texto, podendo manipulá-lo de forma totalmente diferente do que fazia no texto impresso. Os textos multimodais constituem outro bom exemplo:

A rede mundial tem permitido novas práticas de leitura e escrita, antes apenas feitas por meio do papel. Entretanto, não há apenas interação com textos escritos, mas com o meio visual, auditivo e espacial. Esta nova linguagem digital inclui a habilidade de construir sentido em textos multimodais, que mesclam palavras, imagens e sons em um mesmo espaço. Contudo, exige da pessoa certa familiaridade com os ambientes dos programas e até mesmo em como se comunicar com outras pessoas por meio do computador. (ARAÚJO, 2011, p. 644)

O advento dessas novas mídias, as TIC, na escola pós-moderna muda, portanto, as relações do processo de comunicação. As novas mídias não mudam os planos (emissor-mensagem-receptor), mas mudam a forma de interação entre estes, e esta mudança se apresenta como um novo desafio que o docente tem que enfrentar; contudo, ao mesmo tempo, abre novos horizontes para que este professor trabalhe com o texto de maneira diferente do que fazia com o texto impresso.

2.2 Um desafio a ser transposto: o nível de letramento digital do docente em sala de aula

O nível de letramento digital que o professor deve possuir para satisfatoriamente “letrar” se apresenta como um desafio a ser transposto, já que existem professores que não têm nem o básico de letramento digital exigido para que competentemente realizem o processo de letramento digital de seus alunos.

Os problemas vistos até aqui são apenas alguns dos desafios enfrentados no processo de letramento digital em sala de aula. Esses problemas devem ser não

obstáculos que impeçam o processo de letramento digital, mas desafios que mobilizem os docentes em prol de ultrapassar os problemas que se apresentam no processo complexo do letramento digital em sala:

Se o desejável é que os professores integrem computador-internet à prática profissional, transformando-a para melhor inseri-la no contexto de nossa sociedade marcada pelo digital, é preciso ir muito além. Os professores precisam conhecer os gêneros discursivos e linguagens digitais que são usados pelos alunos, para integrá-los, de forma criativa e construtiva, ao cotidiano escolar [...] O esperado é que o letramento digital seja compreendido para além de um uso meramente instrumental (FREITAS, 2010, p. 340).

O professor precisa vencer o engessamento e engendrar mudanças significativas, buscando maneiras de usar de forma muito menos instrumental o processo do letramento digital.

Após essas considerações teóricas sobre o letramento digital, na próxima seção apresentamos a metodologia utilizada em nossa pesquisa para investigar o letramento digital de professores no contexto de sala de aula.

3 PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Nesta seção, explicitamos a metodologia utilizada em nossa pesquisa, abordando o tipo de pesquisa, contexto da pesquisa, participantes da pesquisa e instrumento de pesquisa.

3.1 Tipo de pesquisa

Quanto à abordagem do objeto, a pesquisa adotada neste trabalho é qualitativa. O que caracteriza uma pesquisa qualitativa são fatos: como a indução, o ambiente natural no qual o fenômeno acontece e os participantes desse ambiente em estudo, e por fim, a descrição desses dados obtidos e capturados pela observação aguçada imprescindível do pesquisador.

Na pesquisa qualitativa, a pesquisa qualitativa leva em consideração as bases teóricas a fundamentam na análise dos fenômenos pesquisados e busca “a

obtenção de dados descritivos mediante contato direto e interativo do pesquisador com a situação objeto do estudo” (NEVES, 1996, p. 1).

3.2 Contexto da pesquisa

A pesquisa teve como contexto o ambiente onde investigamos o fenômeno do letramento digital: a escola, mais propriamente dito, a sala de aula. Contudo, o letramento digital é um processo que pode abarcar outros contextos, não só o educacional ou a escola.

Na pesquisa, observamos um total de 03 (três) escolas da rede pública municipal de ensino: a Escola Municipal Parque Piauí, no bairro de mesmo nome, localizada na zona sul de Teresina-PI; a Escola Auristela Soares Lima, no bairro Pedra Mole, localizada na zona leste de Teresina-PI; e a Escola Professor Itamar de Sousa Brito, no bairro Porto Alegre, localizada na zona sul de Teresina-PI, no primeiro semestre de 2016.

Os aspectos observados nas escolas vão da estrutura física aos recursos didáticos que os professores incorporam no contexto das suas aulas de língua portuguesa, além da metodologia utilizada pelos professores que contribuísse para o processo do letramento digital em sala de aula.

3.3 Participantes da pesquisa

Os participantes da pesquisa são 03 (três) professores efetivos de escolas públicas municipais, com experiência em sala de aula, que se dispuseram participar espontaneamente. Verificamos que os participantes da nossa pesquisa são professores que já nasceram dentro do contexto em que as tecnologias utilizadas hoje para o letramento digital já se faziam contemporâneas à sua formação cultural e social, com base em um sucinto perfil profissional que traçamos (Quadro 1).

Quadro 1 – Perfil profissional dos professores entrevistados

PROFESSOR	ÁREA DE ATUAÇÃO	FORMAÇÃO	REDE DE ATUAÇÃO/ANO	TEMPO DE EXPERIÊNCIA
	Professor de	Licenciado em Letras	Municipal	12 anos

P1	língua portuguesa	- Português	9º ano	
P2	Professor de língua portuguesa	Licenciado em Letras- Português e Especialista em Linguagem e Tecnologia	Municipal 9º ano	15 anos
P3	Professor de língua portuguesa	Licenciado em Letras- Português	Municipal 6º ao 9º ano	5 anos

Fonte: Elaborado pelos pesquisadores

3.4 Instrumento de pesquisa

Como instrumento para a geração de dados junto aos professores selecionados, utilizamos um roteiro de entrevista estruturada ou padronizada. A estrutura do roteiro de entrevista consistia em dados iniciais do professor entrevistado (nome, formação, rede em que atua, escola onde trabalha, série, tempo de experiência como professor) e perguntas relativas ao letramento digital para que os professores entrevistados respondessem discursivamente.

Depois selecionamos e sistematizamos as respostas dadas pelos professores participantes e analisamos na seção seguinte deste trabalho.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesta seção, analisamos e discutimos os dados gerados por meio de entrevista com 03 (três) professores colaboradores e da visita a 03 (três) escolas públicas selecionadas para observação de aspectos condizentes com o letramento digital no ambiente da prática docente dos entrevistados nesta pesquisa.

Para preservar a identidade dos professores participantes, omitimos intencionalmente os seus nomes reais e denominamos os entrevistados pela letra inicial o cargo de professor (P), seguida de número ordinal para designar a sequência da quantidade de entrevistados (1,2 e 3) , formando as denominações P1, P2 e P3, pelas quais serão chamados nesta pesquisa.

As respostas dadas pelos professores às perguntas formuladas no roteiro de entrevista são apresentadas em quadros e analisadas na subseção seguinte.

4.1 Análise e discussão das respostas dos professores participantes da pesquisa

As respostas dadas pelos professores às perguntas formuladas no roteiro de entrevista são apresentadas em quadros e analisadas.

Embora não fosse objetivo da pesquisa investigar a concepção de letramento digital, inicialmente procuramos saber o conceito de letramento digital de cada participante. Assim, a primeira pergunta formulada aos professores entrevistados foi a seguinte: “O que é letramento digital?” As respostas dadas pelos docentes são apresentadas no Quadro 2.

Quadro 2 - Conceito de letramento digital na visão dos professores entrevistados

PROFESSOR	RESPOSTA DO PROFESSOR
P1	“É o processo pelo qual se desenvolve o letramento digital com o auxílio das mídias digitais”.
P2	“É o conhecimento que o indivíduo tem ou adquire sobre os recursos tecnológicos e manuseio”.
P3	“É a capacidade que o indivíduo tem de utilizar recursos tecnológicos como computador, <i>tablet</i> e outros para ampliar, facilitar e consolidar seus saberes”.

Fonte: Elaborado pelos pesquisadores

Em nossa análise, as respostas dos professores revelam concepções distintas sobre o conceito de letramento digital. P1 acredita na interatividade com o instrumento tecnológico, resultando disso o conhecimento. P2 acredita que é o manuseio, portanto, saber a utilização e o funcionamento dos recursos tecnológicos. P3 considera o letramento digital como a capacidade de utilizar os recursos tecnológicos (computador, *tablet* e outros) para ampliar, facilitar e consolidar seus saberes.

De acordo com as ideias de Soares (2002), o letramento digital não deixa de ser um posicionamento ideológico do sujeito em relação ao “novo mundo”, o mundo da cibercultura, que se revela a cada dia mais aos sujeitos, ao social, ao cultural, etc.

Com base em Soares (2002), concebemos o letramento digital como uma condição, estado ou atitude do sujeito que é letrado em relação aos eventos de letramento em que se insere, ou seja, atitude, condição dos que possuem o letramento digital, sendo eles participantes dos eventos de letramento digital.

Dessa forma, a resposta de P3 é a que mais se aproxima da ideia de letramento digital apresentada por Soares (2002), pois traz o sujeito, que se reveste de uma capacidade que o lança como utilizador do instrumento tecnológico, criando nesse sujeito as condições para ampliar, facilitar, ou consolidar os saberes que já possui.

A segunda pergunta que fizemos aos professores entrevistados foi a seguinte: “Quando o professor se prende mais ao material impresso ou ao livro didático para trabalhar os gêneros textuais digitais, ocorre o que se chama de letramento digital no impresso. Esse “tipo” de letramento digital ocorre em suas aulas?”

As respostas dadas pelos professores a essa pergunta são apresentadas no Quadro 3.

Quadro 3 - Letramento digital no impresso em sala de aula

PROFESSOR	RESPOSTA
P1	“Sim, pois muitas vezes os recursos tecnológicos não funcionam”.
P2	“Sim, na teoria. Depois utiliza o conhecimento teórico na prática através de celular e em grupos”.
P3	“Sim ocorre, pois em razão da dificuldade de suporte tecnológico na escola, muitas vezes, é preferível a utilização do livro didático, tendo em vista o mesmo apresentar temas pertinentes sobre as temáticas propostas”.

Fonte: Elaborada pela pesquisadora

Os três professores entrevistados afirmam que o letramento digital através do impresso ocorre em suas aulas, justificando a dificuldade que enfrentam pela não disponibilização, ou mesmo a falta de boas condições dos recursos tecnológicos da escola que atuam.

P2 afirma que usa o livro didático só para a parte teórica do letramento digital. o que de certa maneira não condiz com o que observamos na escola onde o

entrevistado atua. No entanto, a estrutura física da escola de P2 não comporta de maneira apropriada os equipamentos tecnológicos que auxiliam no processo do letramento digital, além das constantes quedas de energia na região onde a escola se localiza. P2 afirma utilizar o celular trazido pelos alunos em atividades grupais para letramento digital. No nosso entendimento, essa mídia não é suficiente para trabalhar todos ou boa parte dos gêneros digitais ou para o letramento digital dos alunos.

P1 e P3 se limitam à parte teórica do letramento digital e prendem-se ao livro didático, à folha impressa, onde o gênero digital não será “vivo” e “complexo” como o é e se apresenta no meio digital, de onde se origina.

O professor de português, muitas vezes, acaba encontrando dificuldades para trabalhar os gêneros digitais porque não dispõe, às vezes, de recursos tecnológicos necessários. A alternativa é moldar a didática da aula e focar no gênero através do impresso. No nosso entendimento é uma forma inadequada de trabalhar um gênero digital em sala.

O letramento digital no impresso ainda é muito comum. A justificativa dada é a falta de recursos disponibilizados pela escola. Todavia, as escolas observadas na pesquisa realizada dispõem de um mínimo de recursos tecnológicos disponíveis, muitas vezes não utilizados.

De acordo com a posição de Soares (2002), as condições de letrados digitais apenas com base no impresso serão as piores possíveis, ou serão letrados digitais com muito *déficit* de conhecimento.

No nosso entendimento, o letramento digital impresso é uma forma inadequada de trabalhar um gênero digital em sala de aula.

Na última pergunta do roteiro de entrevista, procuramos saber dos professores entrevistados: A não realização de planejamento, a falta de tempo e a estrutura inadequada são três ‘vilões’ quando se trata de letramento digital na sala de aula. Esses fatores prejudicam o letramento digital dos alunos? Por quê?”.

As respostas dos professores a essa pergunta são apresentadas no Quadro 4.

Quadro 4–Fatores que prejudicam o letramento digital na prática docente

PROFESSOR	RESPOSTA
P1	“Sim. O planejamento e a utilização das mídias exigem tempo e espaço adequado, algo que muitas vezes nos impede de avançarmos”.
P2	“Sim. Tudo tem que ter planejamento prévio, mesmo que tenha experiência no assunto”.
P3	“Sim. Nem sempre é possível se planejar ou realizar pesquisas com a qualidade necessária e isto torna o trabalho por vezes insatisfatório”.

Fonte: Elaborada pela pesquisadora

Em sua resposta, P1 afirma que “o planejamento e a utilização das mídias exigem tempo e espaço adequado [...]” a falta de tempo e de estrutura são os grandes “vilões” para o letramento digital dos seus alunos. Primeiro que uma aula com a utilização das mídias precisaria de tempo, de planejamento, e de espaço adequado para se realizar uma boa aula. Por isso, como não dispõe desses elementos, acabava não avançando em relação ao processo do letramento digital.

P2 acredita que a falta de tempo e de estrutura são “vilões” do letramento digital, mas aponta o planejamento prévio como a essência de uma boa aula.

Por sua vez, P3 concorda que a falta de tempo e de estrutura se tornam dois “vilões” que prejudicam o processo do letramento digital dos alunos e admite que nem sempre é possível fazer o planejamento prévio para uma aula satisfatória.

A não realização de planejamento, a falta de tempo e a estrutura inadequada podem prejudicar o processo de letramento digital dos professores e, conseqüentemente, dos alunos. O planejamento de uma aula que contribua com o bom rendimento do aluno requer tempo por parte do docente e uma estrutura adequada na instituição.

4.2 Recursos tecnológicos disponibilizados pelas escolas visitadas

Fizemos 01 (um) visita a cada uma das três escolas públicas onde os professores entrevistados trabalham para verificar a disponibilidade de recursos

tecnológicos que possam ser utilizados no letramento digital dos professores em suas práticas pedagógicas. Os nomes das escolas visitadas não são citados a fim de preservar a imagem dos estabelecimentos de ensino. Por isso, adotamos as denominações Escola 1, Escola 2 e Escola 3. Os recursos tecnológicos disponíveis nas escolas visitadas são apresentados no Quadro 5.

Quadro 5 – Recursos tecnológicos disponibilizados pelas escolas

COLA VISITADA	RECURSOS TECNOLÓGICOS DISPONIBILIZADOS
Escola 1	03 <i>data shows</i> 40 computadores 02 <i>notebooks</i>
Escola 2	03 <i>data shows</i> ; 25 computadores; 01 notebook; 01 câmera filmadora.
Escola 3	00 computadores; 01 notebook; 01 <i>data show</i> .

Fonte: Elaborada pela pesquisadora

Na Escola 1, verificamos a disponibilidade de recursos tecnológicos, sendo que dos 03 (três) *data shows* existentes um deles não precisa de *notebook*, conectando-se apenas ao *pendrive*. Os 40 (quarenta) computadores instalados na sala de informática, que seriam para uso dos discentes, não são utilizados satisfatoriamente pela falta de planejamento do docente.

Na Escola 2, constatamos a disponibilidade de recursos tecnológicos, sendo que dos 03 (três) *data shows* existentes, apenas 02 (dois) funcionam. Os computadores são instalados em uma sala de informática não climatizada e afetada por queda constante na energia elétrica. A filmadora é destinada para uso dos alunos com a finalidade de registrar eventos considerados importantes na vida escolar deles.

Na Escola 3, observamos que os recursos tecnológicos são mais escassos, existindo 01(um) notebook e 01(um) *data show*. Não há sala de informática, apenas o projeto para construção.

Coscarelli (2007, p. 39) mostra que “o computador pode ser um forte aliado da escola, uma vez que os recursos da informática são muito sedutores, além de imprescindíveis para a formação de um cidadão letrado”, desde que a educação seja

compreendida como um processo de construção de um saber percebido como útil e aplicável pelos alunos, e não como uma realidade à parte e desinteressante.

A existência dos recursos tecnológicos nas escolas sem uso contextualizado e sem interligação com a disciplina de língua portuguesa não contribuirá muito para que seja utilizado o letramento digital na prática docente em sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A nossa proposta foi justamente mostrar por meio desta pesquisa qual a parcela de contribuição que os professores estão dando para o desenvolvimento do “sujeito participante do evento do letramento digital” (MAGDA, (2002).

Vimos na teoria e percebemos na prática que o letramento digital ainda se apresenta como uma atitude e uma postura a ser tomada pelo professor mesmo em um cenário de muitos desafios.

O uso dos recursos tecnológicos em si não é o suficiente, se desvinculado, sem a contextualização, sem relação com a área que sequer estudar, ligando os aspectos do letramento digital ao ensino de língua português, ou seja, a língua envolta ao processo do letramento digital. Porém, sem definir objetivos, sem direcionamento, não há letramento digital em sala.

Os resultados da pesquisa mostram que os professores entrevistados têm posicionamentos distintos sobre o conceito de letramento digital: interatividade com o instrumento tecnológico, manuseio dos recursos tecnológicos e capacidade de utilizar os recursos tecnológicos para ampliar, facilitar e consolidar seus saberes.

Outro ponto importante revelado por nossa pesquisa foi o fato de os professores entrevistados assumirem que em suas aulas de língua portuguesa ocorre o letramento digital por meio do impresso, muitas vezes limitado ao que traz o livro didático, devido à não disponibilização ou falta de recursos tecnológicos na escola em que atuam ou à falta de tempo e estrutura para planejamento das atividades, que se caracterizam como os “vilões” do letramento digital. E isso é preocupante, pois o letramento digital impresso é uma forma inadequada de trabalhar um gênero digital em sala de aula.

Com base nas respostas dos professores entrevistados e na visita às escolas selecionadas, somos levados a reconhecer que, mesmo diante das dificuldades, há letramento digital em grau moderado na prática docente dos professores de língua portuguesa que participaram da pesquisa, todavia não se constatando avanços que possam contribuir significativamente para o letramento digital dos alunos em sala de aula.

Sendo mais otimistas, podemos dizer que vimos algumas “centelhas” da mudança na postura de professores, demonstradas nas respostas dadas na entrevista, no posicionamento tomado nas respostas, e isso pode indicar o começo de mudança em prol do efetivo letramento digital em sala de aula.

De forma direta, os professores que colaboraram com esta pesquisa, porque eles acabam servindo de espelho, refletem o longo caminho que a educação, a escola, os professores todos têm ainda para caminhar e ter o letramento digital efetivamente na sala de aula do ensino fundamental.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Elaine Vasquez Ferreira. Letramento em contexto digital: diferentes práticas de leitura e escrita, **Cadernos do CNLF**, v. XV, n. 5, Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011.

ARAUJO, Rosana Sarita de. Letramento digital: conceitos e pré-conceitos. **Anais eletrônicos do 2º Simpósio Hipertextos e Tecnologias Digitais: Multimodalidade e Ensino**. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2008.

BESSA, Dante Diniz. **Teorias da comunicação**. BRASIL. Ministério da Educação. Secretária de Educação Básica. Brasília: Universidade de Brasília, 2006. 108 p. (Profucionário - curso técnico de formação para os funcionários da educação).

COSCARELLI, Carla Viana. Alfabetização e letramento digital. In: COSCARELLI, Carla Viana; RIBEIRO, Ana Elisa (Orgs.). **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. Belo Horizonte: Ceale : Autêntica, 2007. p. 25-40.

FREITAS, Maria Teresa. Letramento digital e formação de professores. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 26, n. 03, p. 335-352, 2010.

NEVES, José Luis. Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. **Caderno de pesquisa em administração**, São Paulo, v.1, n. 3, 2º sem./1996.

RIBEIRO, Ana Carolina. **Letramento digital**: uma abordagem através das competências na formação docente. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013.

RIBEIRO, Ana Elisa Ribeiro. Letramento digital: um tema em gêneros efêmeros. **Revista da ABRALIN**, v.8, n.1, p. 15-38, jan./jun. 2009.

SAITO, Fabiano Santos; SOUZA, Patrícia Nora de. (Multi) letramento(s) digital (ais): por uma revisão de literatura crítica. **Linguagens e diálogos**, v.2, n. 1, p. 109- 143, 2011.

SOARES, Magda. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002.

SAITO, Fabiano Santos; SOUZA, Patrícia Nora de. (Multi) letramento(s) digital (ais): por uma revisão de literatura crítica. **Linguagens e diálogos**, v.2, n. 1, p. 109- 143, 2011.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e alfabetização**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2010. (Coleção questões da nossa época; v. 15).